

# Porto Alegre e seus reflexos: a cidade imaginada e a cidade oficial

Lizete Dias de Oliveira

## RESUMO

Apresenta informações sobre a origem histórica da cidade e dados oficiais atuais sobre a área física, população, identificando e caracterizando os principais bairros da cidade. Relaciona a história e dados oficiais e a construção do imaginário da cidade. Reflete sobre a produção de um discurso oficial sobre a cidade, baseado em dados e estatísticas, e a relação entre esse discurso e os sentidos produzidos pelos habitantes de Porto Alegre.

**PALAVRAS-CHAVE:** História. Porto Alegre (RS). Porto Alegre Imaginada.

## 1 Introdução

A cidade de Porto Alegre, capital do Estado brasileiro do Rio Grande do Sul, foi fundada às margens de um grande lago. O Lago Guaíba, como todas as massas de água, exhibe, no entardecer, um gradiente de cores, que vai do azul ao vermelho, refletindo como um espelho o céu do paralelo 30 de latitude. Às margens desse espelho, Porto Alegre se vê através de uma imagem refletida que, como todas as imagens especulares, “[...] depende do olhar de quem o contempla, e, como tal, o espelho pode operar de forma invertida e deformante. Representação sensorial de algo que existe, traduz lógicas de percepção que passam pelos caminhos do imaginário.” (PESAVENTO 1999, p. 158). A representação do mundo é uma parte constituinte de uma realidade que pode assumir uma forma mais determinante para a existência do que o que se chama de real concreto.

Porto Alegre nasceu sobre uma ocupação indígena, cujas terras foram divididas em três sesmarias. No século XVIII, recebeu casais açorianos, que seriam levados para o Território das Missões e, ainda, uma onda de imigração européia nos séculos XIX e XX. A partir de sua trajetória histórica, a cidade se percebe em um processo de seleção e de reconhecimento que constrói esse objeto simbólico chamado cidade. As representações coletivas regem o sistema de identificação social, tornando visível a inviabilidade social, assim como tornam certas presenças invisíveis. Essa representação relaciona-se com visões, mitologias e cosmologias. Configura-se como uma forma transitória de expressão, um mecanismo indireto de produção social e como substância histórica. Como lembra Armando da Silva, “[...] sua conformação tem mais a ver com sonhos diurnos do que com sonhos noturnos e por isso está mais orientado em direção ao futuro que ao passado”. (SILVA, 2004, p. 8) Nesse sentido, o imaginário de Porto Alegre orienta-se para o futuro, relacionando-se com o passado, em um jogo de tensões e de poder onde quem planeja o futuro, tem a prerrogativa de contar a versão oficial do passado.

## 2 O Porto e seu povoamento

Chegando-se à Porto Alegre pelo Guaíba, passa-se pelo Portal de Cristal, o monumento que marca a entrada da cidade. Chega-se em uma alameda junto à Praça da Alfândega, onde vários artesãos dividem espaço com índios das duas etnias que moram na cidade: Guarani e Kaingang. Fragmentos de cerâmica guarani, encontrados em 2002, comprovam a presença indígena em Porto Alegre desde tempos pré-históricos (SACCOMORI, 2002, p.32 ).

As comunidades indígenas que habitam cidades como Porto Alegre sofrem com a discriminação do poder público, pois sendo

considerados como desaldeados, acabam ficando à margem das políticas de benefícios que contemplam as áreas da saúde, educação, moradia e de trabalho. Como povos desaldeados, esses índios também não se favorecem da política indigenista oficial, sendo obrigados a sobreviver de seu artesanato, vendido em beiras de estrada e em esquinas de cidades.

A matéria-prima para a confecção desse artesanato é buscada nas grandes áreas de preservação ecológica da cidade, como o Parque Natural do Morro do Osso. O Morro do Osso foi ocupado, em 2004, por índios Kaingang, falantes da língua Jê. Sua presença é legitimada pela memória coletiva dos grupos indígenas, que identifica esse local como o local de um cemitério indígena e de um antigo pouso, quando os grupos chegavam das terras altas do Plantalto. Geologicamente, o morro constitui-se como o fim de um caminho traçado através dos divisores de água dos morros graníticos que descem a serra em direção a Porto Alegre.

Além do Morro do Osso, Porto Alegre possui outra grande área indígena, o Cantagalo, que ocupa 283 hectares divididos entre os municípios de Porto Alegre e Viamão. A posse dessa área foi homologada para os índios Guarani Mbyá. A presença Guarani no centro da cidade de Porto Alegre desde tempos imemoriais é constante, apesar de ser invisível à população da cidade.

No século XVIII, as terras indígenas foram divididas em três sesmarias. Nesse período, Porto Alegre era chamada de Porto do Dorneles, uma referência a Jerônimo de Ornellas, dono da sesmaria de Sant'Ana, cuja sede ficava no Morro Santana. A sesmaria de São José, que pertencia a Sebastião Francisco Chaves, localizava-se ao norte da Sant'Ana. A última porção da atual Porto Alegre pertencia a Dionísio Mendes, dono da sesmaria de São Gonçalo, ao sul do município, onde está localizado o Morro do Osso. Esses sesmeiros estavam ligados às atividades econômicas de criação de gado e de tropeirismo, que perdurou durante os séculos XVIII e XIX. O comércio de mulas para São Paulo havia estabelecido uma ligação entre o Rio Grande do Sul e o resto do Brasil e com a região da Bacia Platina. Assim, a fundação de Porto Alegre está ligada à história da região platina, com a fundação da Colônia de Sacramento, de Montevidéu e de Buenos Aires. Essa ligação com a região do Prata, apesar de ter sido silenciada pela historiografia oficial, permanece no imaginário dos gaúchos que, quando perguntados sobre as cidades com as quais mais se identificam, as primeiras a serem lembradas são Montevidéu e Buenos Aires.

O povoamento permanente e sistemático da região começou com a chegada de casais açorianos que durante vinte anos esperaram pelas terras que lhes haviam sido prometidas no território das Missões. Terras conquistadas posteriormente pela Coroa

Portuguesa através de um tratado que não se cumpriu - o Tratado de Madri - que redefiniria as fronteiras das Coroas Ibéricas no sul da América do Sul. Com o passar de duas décadas, o Porto de Viamão tornou-se o Porto dos Casais. E os Casais tiveram filhos. O primeiro porto-alegrense, Manuel, foi batizado em 22 de abril de 1753. (FRANCO, 2000). Passados dois séculos, Porto Alegre tem um milhão e meio de habitantes, que comemoram o aniversário da cidade lembrando a data de fundação da Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais, celebrando a memória desses açorianos e a demarcação de suas terras, em 26 de março de 1772.

Nesse jogo de espelhos, na constituição de seu imaginário, Porto Alegre esquece e lembra. Comemora seu aniversário relembrando a presença açoriana, esquecendo a ancestral - e teimosa - presença indígena. Mas, quando se olha nas margens de seu grande espelho d'água, o que vê o porto-alegrense, que imagens de Porto Alegre se refletem no seu imaginário? Um porto, em uma planície emoldurada por morros, banhada por um "rio" que é lago, com suas cores e tons, com seus habitantes visíveis - e outros nem tanto.

### 3 O Porto e suas águas

*Olho o mapa da cidade  
Como quem examinasse  
A anatomia de um corpo...  
(E nem que fosse o meu corpo!)  
[...]  
O Mapa - Mario Quintana*

Porto Alegre é um porto. E, como tantos outros portos, é um misto de espera e de movimento. Pousa e circulação. Situado às margens do Lago Guaíba e junto ao Delta do Rio Jacuí, a localização de Porto Alegre é estratégica no sistema de águas do Rio Grande do Sul, o segundo maior estado em volume de água do Brasil. Somente o Guaíba estende-se por uma área de 496 quilômetros quadrados, com 19 quilômetros de largura e 50 quilômetros de comprimento. As águas do Lago desaguam na Lagoa dos Patos, entrando no mar na altura da cidade de Rio Grande.

Porto Alegre é uma esquina. O cais do porto, em frente à Praça da Alfândega é conhecido como a "Esquina do Rio Grande do Sul". Esse ponto é o limite de navegação das embarcações que chegam ao porto, vindas do mar ou vindas do Delta do Jacuí. Com um calado mais profundo, navios transatlânticos atracam defronte à Praça da Alfândega. Ali chegam, ali permanecem e dali partem em direção ao sul. Depois de atravessar o Lago Guaíba, passam pela Lagoa dos Patos, chegando ao Grande Mar Oceano.

O Cais do Porto é também o limite de embarcações que chegam dos rios do interior do estado. Porto Alegre é a entrada para

os rios interiores, caminhos líquidos que conduziram a população portuguesa para o interior do Continente do Rio Grande do Sul. As barcaças chegadas dos rios Jacuí, Caí, Sinos e Gravataí, rios que desaguam no Guaíba, não podem seguir caminho devido ao seu baixo calado. Dessa esquina não passam, de lá retornam ao interior do continente.

Em 1976, foi criado o Parque Estadual Delta do Jacuí. O arquipélago é composto por 28 ilhas, a maioria delas desabitada, das quais dezesseis pertencem a Porto Alegre. As ilhas foram ocupadas desde o início do século passado, principalmente as da Pintada, onde há o único núcleo urbano intensivo reconhecido legalmente, e a Ilha das Flores, onde atualmente predominam as residências de alto padrão construtivo. A ligação entre as principais ilhas é feita pela Travessia Regis Bitencourt, que pela facilidade de acesso, causou a intensificação de uma ocupação espontânea e desordenada. Atualmente, 90% da população está distribuída entre as ilhas Grande dos Marinheiros, das Flores, Pavão e da Pintada, em forma de vilas populares, com precariedade de infra-estrutura urbana, ocupadas na sua maioria por população de baixa renda, em casas de baixo padrão construtivo. Anualmente, as cheias paralisam as atividades das ilhas: as habitações ficam bloqueadas, as estradas submersas e intransitáveis, as escolas são fechadas e o gado precisa ser transportado para áreas seguras em terrenos continentais.

O problema de enchentes também atingia a parte continental da cidade, que além de se estender por 72 quilômetros junto à orla do Guaíba e do volume das águas do Delta do Jacuí, ainda é atravessada por vários riachos. O mais extenso deles, cortando a cidade no sentido leste-oeste, é o Arroio Dilúvio. Suas águas, cantadas pelos poetas da cidade, costumavam inundar diversos bairros por onde ele passava, daí a razão de seu nome - Dilúvio.

Em uma das grandes obras urbanizadoras do século XX, o arroio foi canalizado em um curso retificado de 17,606 mil metros ao longo da Avenida Ipiranga, onde possui dezessete pontes e cinco travessias para pedestres. Alguns de seus afluentes desapareceram sob a cidade, passando a integrar o sistema de esgotos pluviais. Para seu leito escoam águas de uma área densamente habitada. Sua ocupação acentuada provocou a impermeabilização da superfície, modificando o sistema de drenagem de águas através da capilização provocada pelas edificações. O Arroio Dilúvio recebe anualmente cerca de 50 mil metros cúbicos de detritos, resultado de erosão natural e antrópica, provocada pelo desmatamento das encostas dos morros.

O impacto ambiental da poluição do Dilúvio revela-se na qualidade da água ao longo de seu curso. Nascendo próximo ao Parque Saint-Hilaire, onde existe baixa densidade demográfica,

suas águas podem ser consideradas limpas até a Avenida Antônio de Carvalho. Nesse ponto acentua-se a densidade populacional, comprometendo a qualidade das águas até o final de seu curso, onde deságua no Guaíba. Apesar da poluição de seu maior arroio, Porto Alegre também possui praias próprias para banho, como a Praia do Lami, a primeira a ser despoluída no Lago Guaíba e que no verão atrai significativo número de pessoas.

#### 4 O Porto e suas terras

*[...] Sinto uma dor infinita  
Das ruas de Porto Alegre  
Onde jamais passarei...  
Há tanta esquina esquisita,  
Tanta nuança de paredes,  
Há tanta moça bonita  
Nas ruas que não andei  
(E há uma rua encantada  
Que nem em sonhos sonhei [...])  
O Mapa - Mario Quintana*

Porto Alegre é uma planície. O antigo Porto de Viamão espraiou-se por uma planície delimitada pela orla do Guaíba e emoldurada por um anel de quarenta morros graníticos. Datados de 730 milhões de anos, esses morros formaram-se a partir de rochas que se fundiram sob intensa pressão e calor no interior da terra. Desbastadas pelo tempo e fendidas pela erosão de milhões de anos, as antigas montanhas transformaram-se em pequenos morros de cume arredondado, que representam 65% da superfície total do município (MENEGAT, 2007).

Além da reserva ecológica do Lami, Porto Alegre possui várias áreas de preservação ambiental, como o Morro do Osso e o Morro de São Pedro. Desde 1865, quando foi criada a sua primeira praça urbanizada, a Brigadeiro Sampaio, a cidade conta com 539 praças, que ocupam uma parcela significativa de sua área total. Seus principais parques são o Jardim Botânico, o Parque Farroupilha (Redenção), o Parque Marinha do Brasil, o Parque Maurício Sirotski Sobrinho (Harmonia), o Parque Saint-Hilaire e o Parque Moinhos de Vento (Parcão).

Ao longo de seu processo de urbanização, a velha Porto dos Casais expandiu-se, ocupando um território total de 476,30 quilômetros quadrados, sendo destes 431,85 de área continental e 44,45 divididos entre as diversas ilhas que compõem o Delta do Jacuí. Porto Alegre, em duzentos anos, transformou-se em uma conurbação urbana que se relaciona com vinte municípios de sua região metropolitana. Todos os municípios possuem necessidades comuns e são afetados conjuntamente por problemas de seu sistema de transporte e o tratamento de resíduos sólidos.

Em seu crescer, Porto Alegre abriu-se como um leque, cuja

empunhadura seria representada pela ponta da Península e os primeiros arraiais se espalhariam conforme as varetas que estruturam o leque. Essa imagem de Sérgio da Costa Franco, ilustra o processo de urbanização de Porto Alegre, que “[...] assumiu uma disposição radial que tornou grandes as distâncias e mal conectados entre si os diversos arrabaldes.” (FRANCO, 2008, p.11). As principais varetas desse leque estenderam-se em direção aos antigos arrabaldes Menino Deus, Azenha, Moinhos de Vento, Floresta, Petrópolis (Figura 1).

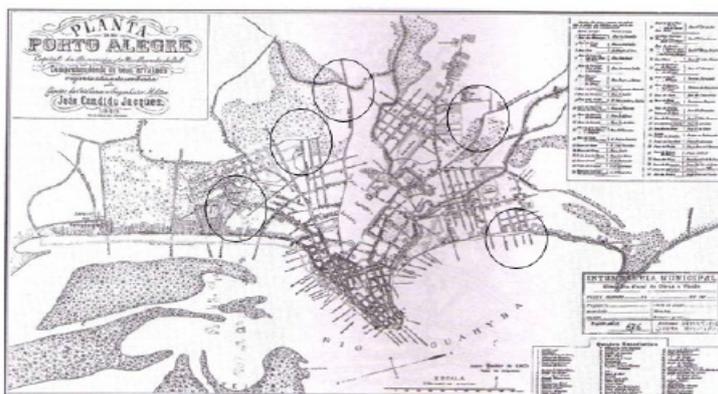


Figura 1 - Porto Alegre abriu-se como um leque, a partir da ponta da Península. Mapa de Porto Alegre de João Cândido Jacques, 1888.

O Bairro Menino Deus, uma homenagem à devoção açoriana, formou-se a partir de moradias elegantes construídas no início do século XX, algumas que permanecem ainda hoje. O bairro perdeu muitas das suas edificações características, mas é ainda residencial, apesar de, em sua principal artéria, a Avenida Getúlio Vargas, estarem localizados bares noturnos, restaurantes, pizzarias, churrascarias.

O Bairro Azenha, uma referência a um antigo moinho de trigo, movido pelas águas do Dilúvio, formou-se em função de cemitérios e como passagem para os arrabaldes do Partenon, Glória e Teresópolis. A principal artéria, a Avenida Azenha, é formada por um forte comércio popular, reconhecida na enquete como tradicional no comércio de auto-peças.

Petrópolis é um bairro que foi ocupado entre as décadas de 1930 e 1950, pela classe média. Suas ruas muito arborizadas formam um labirinto nos dois lados da principal artéria: a avenida Protásio Alves. Essa avenida, que tem 40 quilômetros de extensão, era chamada de Caminho do Meio e ligava Porto Alegre à Viamão.

O Bairro Moinhos de Vento faz referência aos antigos moinhos de trigo implantados pelos colonos açorianos. É cortado pela Rua 24 de Outubro e nele está localizado o Parque Moinhos de Vento, conhecido como Parcão, implantado na área do antigo hipódromo da cidade e próximo ao primeiro estádio do *Grêmio Football Porto Alegrense*. O Bairro Moinhos de Vento é apontado

pela enquete como a zona mais limpa da cidade.

O Bairro Floresta foi o bairro onde os imigrantes alemães formaram um misto de subúrbio industrial e área residencial. Sua principal artéria, a Rua Cristóvão Colombo, onde estava instalada a Cervejaria Brahma, hoje transformada num *shopping center*, ainda hoje é lembrada como um local de festas, cervejas, gastronomia.

No último século, Porto Alegre cresceu vertiginosamente, possuindo atualmente 78 bairros oficiais. Dos 44 milhões de metros quadrados construídos na Capital, cerca de 24 milhões foram erguidos nos últimos 200 anos. Vinte milhões de metros quadrados foram edificadas em menos de 20 anos. Porto Alegre praticamente dobrou a sua área construída neste período, crescimento que é fruto do investimento da iniciativa privada. Uma cidade informal está crescendo à margem das normas vigentes. Enquanto a parte estruturada de Porto Alegre vem crescendo a uma taxa inferior a 1% ao ano, a cidade informal aumenta 4%, ou seja, aproximadamente 30% dos porto-alegrenses estão fora do mercado formal da habitação (PORTO ALEGRE, 1999).

Na década de 1960, Porto Alegre possuía 600 mil habitantes, em uma área urbana cinco vezes menor, e cerca de 30 mil veículos, perfazendo uma média de um carro para cada 20 habitantes. Na década de 1990, a cidade passou a contar com cerca de 1 milhão e 300 mil habitantes. A área urbana cresceu cinco vezes, multiplicando em cinco o número de veículos, com uma média de um automóvel para cada 2,5 habitantes. (PORTO ALEGRE, 1999). Trata-se da capital com maior proporção de carros por habitante.

## 5 O Porto e sua imagem

*[...] Quando eu for, um dia desses,  
Poeira ou folha levada  
No vento da madrugada,  
Serei um pouco do nada  
Invisível, delicioso  
Que faz com que o teu ar  
Pareça mais um olhar,  
Suave mistério amoroso,  
Cidade de meu andar  
(Deste já tão longo andar!)  
E talvez de meu repouso...*

*O Mapa - Mario Quintana*

Porto Alegre imagina-se “alegre”. O bairro apontado pela pesquisa como o mais alegre é a Cidade Baixa, tradicional bairro da boemia da cidade. Paralelamente, os porto-alegrenses identificam a violência e a agressividade no trânsito como os dois

principais motivos para não gostarem da cidade, que é percebida como perigosa e dinâmica. Esses dois adjetivos estão diretamente relacionados a dinamicidade do trânsito que provoca mortes, principalmente entre jovens do sexo masculino. Se o número de nascidos do sexo masculino e feminino é praticamente igual, na faixa etária dos 24 anos essa proporção começa a tornar-se desigual, chegando a população feminina a ser o dobro da masculina na faixa etária dos 60 anos.

O Centro Histórico da cidade é apontado como o local que a população menos gosta e é também reconhecido como o mais perigoso, além de ser visto como sujo e triste. A Rua Voluntários da Pátria, no centro da cidade, é identificada com a prostituição.

A Secretaria Municipal da Cultura (SMC) inventaria permanentemente o patrimônio cultural da cidade. O Inventário do Patrimônio Cultural de Porto Alegre identificou no Centro Histórico 1.037 imóveis. A cidade também possui um instrumento de tombamento das edificações, seja pelo seu valor histórico, paisagístico, morfológico ou técnico. Esses bens são protegidos pela Lei de Tombamento - Lei Complementar 275/92 - e integram o Patrimônio Cultural de Porto Alegre após serem inscritos no Livro do Tombo.

A Casa de Cultura Mário Quintana, juntamente com o Mercado Público, foi identificada como um emblema urbano. O prédio da Casa de Cultura foi construído para ser um hotel de luxo, o Hotel Majestic. Nele, moraram vários poetas, entre eles, o poeta Mário Quintana, que viveu no hotel entre os anos de 1968 e 1982.

No quarto 217 do Hotel Majestic ou passeando pelas ruas da cidade, Mário Quintana, considerado pelos porto-alegrenses o personagem que representa a cidade, cantou as belezas da cidade de sua adoção, que está situada sob o paralelo 30, apresentando um clima subtropical úmido, com quatro estações bem definidas. As temperaturas na primavera variam entre 15°C e 30°C; no verão, entre 25°C e 38°C; no outono, vão de 10°C a 25°C; no inverno, variam entre 2°C e 15°C. A população identifica o clima frio como emblema da cidade.

O período do dia é o entardecer. O verde e o azul são as cores que a população identifica com Porto Alegre. Para os entrevistados, o pôr-do-sol é um dos motivos para se gostar de Porto Alegre. O pôr-do-sol de Porto Alegre apresenta uma peculiaridade geográfica: voltada para o oeste, é um dos poucos lugares no Brasil em que é possível ver o sol deitar-se em grandes massas de água (Figura 2).

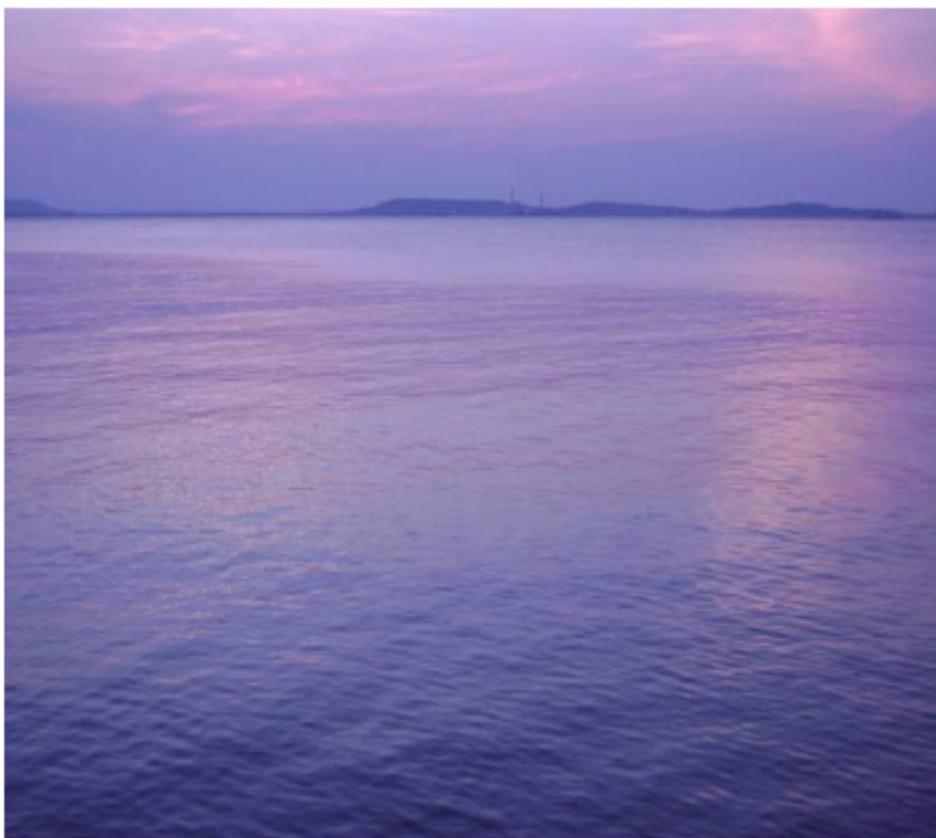


Figura 2 - Pôr do Sol do Guaíba - Praia de Ipanema. Foto: Lizete Dias de Oliveira

## 6 Considerações finais

A luz do Sol, considerada branca, é composta por luzes de diferentes cores. Quando entra na atmosfera, se essa luz branca incide em gotas de água, ela se dispersa, dando origem ao arco-íris e tornando visíveis as cores que compõem o espectro solar. Essas cores se propagam em diferentes frequências no tempo e no espaço. Dentre elas, a luz que mais se “espalha” é o azul, a cor símbolo do *Grêmio Football Porto Alegrense*. A luz que menos se “espalha”, nesse processo de entrada na atmosfera, é o vermelho, cor do *Sport Club Internacional*.

O pôr-do-sol é o momento em que os raios solares têm que atravessar a camada mais espessa da atmosfera para que sua luz chegue até nós. Nesse trajeto dos raios solares, a luz azul se dispersa rapidamente, enquanto a luz vermelha, cujo comprimento de onda é maior, segue seu caminho, intacta, e alcança nossos olhos. Por isso o céu adquire tons predominantemente avermelhados e alaranjados. Em situações de baixa umidade e maior concentração de poeira e fumaça, o sol pode ser visto como uma grande bola vermelha no céu. Mas, o céu continua a ser azul durante o pôr-do-sol. Apesar da predominância dos tons quentes, o azul e as demais cores, com todas as suas nuances, vão iluminar o céu, seu entorno, formando um gradiente de tons.

O imaginário de uma cidade sofre esse mesmo processo

de desvio, de dispersão, ou “espalhamento de cores”. A cidade é fruto de um processo histórico específico, ocorrido em um cenário composto de morros, rios, fauna, flora. A cidade é um porto construído para a chegada e saída de pessoas. Mas todos os dados históricos servem apenas como luzes de cores diferentes que se espalham pela atmosfera do tempo e são captadas pela sociedade, que forma seu imaginário a partir de sua própria visão. Por isso, a presença indígena na praça mais central de Porto Alegre torna-se invisível para a maior parte dos porto-alegrenses. Por isso, um passado de tropeiros ligados a uma herança platina, que foi esquecida em nome da herança açoriana e, portanto, portuguesa.

“A cidade que anoitece nunca é a mesma que amanhece. Ela é um ente nunca acabado com uma desafiadora riqueza que sua própria diversidade oferece.” (BURMEISTER, 1999)<sup>1</sup>. Afinal, se não houvesse a atmosfera, veríamos as estrelas mesmo de dia!

■  
<sup>1</sup> Documento eletrônico.

## **Porto Alegre and its reflexes: the imagined city and the official city**

### **ABSTRACT**

Information about the historical origin of the city is presented as well as official and current data on area and population, identifying and characterizing its' main neighborhoods. History and official data are related to the construction of the imaginary about the city. The article reflects upon the production of an official discourse, based on data and statistics and the relation between this discourse and the meanings produced by Porto Alegre's inhabitants.

**KEYWORDS:** History Porto Alegre (RS). Imagined Porto Alegre.

## **Porto Alegre y sus reflejos: la ciudad imaginada y la ciudad oficial**

### **RESUMEN**

Presenta informaciones sobre el origen histórico de la ciudad así como datos oficiales actuales sobre su área física y población, identificando y caracterizando los principales barrios de la ciudad. Relaciona la historia y los datos oficiales con la construcción del imaginario de la ciudad. Reflexiona sobre la producción de un discurso oficial sobre la ciudad, basado en datos y estadísticas, y sobre la relación entre ese discurso y los sentidos producidos por los habitantes de Porto Alegre.

**PALABRAS CLAVE:** História. Porto Alegre (RS). Porto Alegre Imaginada

### **Referências**

BURMEISTER, Newton. **A Necessária releitura da cidade**. Porto Alegre, 1999. Disponível em: < <http://www.portoalegre.rs.gov.br/planejamento/default.htm> > Acesso em 2010.

FRANCO, Sérgio. **Gente e espaços de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

MENEGAT, Rualdo. **Atlas ambiental de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PESAVENTO, Sandra. **O imaginário da cidade:** visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

PORTO ALEGRE, RS. Secretaria do Planejamento Municipal. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental PDDUA.** Disponível em: <<http://www.portoalegre.rs.gov.br/planeja/pddua.htm>> Acesso em 2010.

SACCOMORI, Camila. Centro de Porto Alegre guarda preciosidades arqueológicas. **Zero Hora**, Porto Alegre, 20 set. 2002. P. 32. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/16531996/Escavacoes-no-Centro>> Acesso em: 20 set. 2010.

SILVA, Armando. **Imaginarios urbanos:** hacia la construcción de un urbanismo ciudadano: metodología. Bogotá: Convenio Andrés Bello, Universidad Nacional de la Colombia. 2004.

### **Lizete Dias de Oliveira**

*Mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).*

*Mestrado em Diplome d Etudes Approfondies Archéologie Des Péri - Université Paris 1 / Panthéon-Sorbonne.*

*Doutora em Arqueologia pela Université Paris 1 / Panthéon-Sorbonne.*

*Pós-doutora em Ciência da Informação Universidade do Porto / Portugal.*

*E-mail: lee7@ufrgs.br*